

O Mercado e a Santa: o Mercado do Ver-o-Peso e as homenagens dos trabalhadores da pesca à Virgem de Nazaré¹

Wilma Marques Leitão – UFPA

Lícia Tatiana Azevedo do Nascimento – UFPA

RESUMO

Mais que um mercado, o Ver-o-Peso pode ser considerado o próprio centro comercial de Belém. Sua importância na cidade, contudo, transcende o âmbito das relações comerciais uma vez que está constantemente, referenciado, na literatura, poesias, fotografias, reportagens e crônicas da imprensa e, de certa forma, acaba sendo transformado em ponto turístico privilegiado. Passagem obrigatória de todas as linhas de ônibus da cidade faz parte então da vida dos moradores, mesmo daqueles que não costumam frequentá-lo para suas compras cotidianas ou circunstanciais. Trata-se também do lugar onde são realizados eventos com forte tradicionalismo como é o caso das homenagens prestadas pelas categorias que trabalham com o pescado – peixeiros, balanceiros e geleiros – à nossa Senhora de Nazaré, durante a maior festa religiosa e popular da cidade, o Círio de Nazaré. Este trabalho tem, portanto, o objetivo de analisar o ciclo de cerimônias que compreende dois momentos de queima de fogos e a festa no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso, onde foram realizadas entrevistas, observação direta e uso de um questionário entre aqueles trabalhadores e que proporcionaram conhecer como a partir de uma rede bem estruturada de relações organizam suas homenagens à Nossa Senhora de Nazaré.

Palavras-Chave: Ver-o-Peso, homenagens no Círio de Nazaré, trabalhadores da pesca

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): *O Mercado e a Santa: as comemorações do Círio no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso*, o qual objetivou analisar a organização do complexo ciclo de cerimônias vinculadas às homenagens realizadas pelas categorias - peixeiros, balanceiros e geleiros - que trabalham com o pescado no Ver-o-Peso, à Nossa Senhora de Nazaré, durante o Círio em Belém.

¹ “Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

O TCC foi elaborado a partir dos dados do subprojeto: *O Mercado e a Santa: a sociabilidade dos peixeiros no Círio de Nazaré em Belém do Pará*, o qual faz parte do projeto de pesquisa: *Ver-o-Peso, o cheiro, o gosto, a cor e o som: o Mercado de Belém, em sentidos e misturas*, cujo objetivo principal é permitir a inserção direta de estudantes no trabalho de campo, dotando-os de um acervo de questões e problemas teóricos, metodológicos e empíricos que os habilitem ao exercício profissional mais pleno, que só se torna possível com a aquisição das competências básicas e específicas nas artes do ofício do antropólogo, apoiando assim a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de Ciências Sociais na UFPA (Universidade Federal do Pará). Tem como objetivo também entender o Ver-o-Peso como conjunto de mercadorias e significados, observando nesse território suas intensas práticas coletivas existentes.

Este artigo tratará, então, das homenagens no Ver-o-Peso, prestadas pelos seus trabalhadores - peixeiro, balanceiros e geleiros - durante o Círio de Nazaré. Homenagens estas com fogos na passagem da Santa na frente do Mercado em dois momentos específicos: no sábado à noite durante a procissão da Trasladação e no domingo pela manhã, na procissão do Círio, mais propriamente. Além das homenagens com os fogos há a festa realizada dentro do Mercado de Peixe, que é quando estes trabalhadores celebram sua própria participação nas homenagens rendidas à Santa e agradecem por mais um ano de trabalho.

I - A DIVERSIDADE NO VER-O-PESO

Espaço que funda a expansão da cidade que é hoje a mais importante da Amazônia brasileira, o mercado do Ver-o-Peso está estrategicamente situado na foz dos rios Guamá e Amazonas, grandes corredores de mercadorias regionais, tornando-se “cais” e “palco” de análises históricas e econômicas; referência na música e na literatura. Em sua dimensão cotidiana o Ver-o-Peso é o epicentro da vida comercial de Belém irradiando seus produtos por feiras em diferentes bairros e distritos e, de certa forma, concentrando as conexões de circulação de mercadorias entre localidades do Estado do Pará, outras cidades do Brasil e, até mesmo, de diferentes partes do mundo, com a exportação de produtos regionais.

A feira do Ver-o-Peso é responsável pelo abastecimento de domicílios, restaurantes, lojas e supermercados diretamente ou indiretamente, pois é um ponto central na rede mais extensa de mercados e feiras da cidade, considerando-se que boa parte de seus consumidores podem ser por sua vez, feirantes nos bairros e localidades. Recebe a produção que chega pelo rio, das ilhas próximas ou de outros municípios, e também a que chega de caminhão e redistribui as mercadorias (frutas e legumes) vindas do CEASA. Está localizada entre o rio e o

coração de uma cidade de cerca de dois milhões de habitantes, e por ali passam quase todas as linhas de ônibus da grande Belém. Em realidade a designação, Complexo do Ver-o-Peso, que se habituou chamar, tenta dar conta de múltiplas feiras que estão ao mesmo tempo juntas e separadas, há nítida distinção dos espaços, diferentes feiras e mercados²: a Feira do Açaí; a parte das frutas com comércio mais atacadista; a “Pedra” - área de desembarque de pescado; o Mercado de Peixe; o de Carnes; o das Ervas, que está na feira do Ver-o-Peso propriamente, com a parte mais varejista.

Pode ser considerado também um museu vivo de práticas culturais. Um lugar onde as atividades comerciais ali existentes são ultrapassadas pelos valores imateriais das gerações de famílias que lá se perpetuam no trabalho da feira, em cada espaço desse grandioso Complexo.

O Ver-o-Peso está formalmente sob jurisdição da Secretaria Municipal de Economia, mas possui um grupo de representantes formado por feirantes de diferentes setores, denominado Condomínio Participativo responsável pela organização diária e reivindicações dos 21 setores que formam o complexo.

Assim como os 21 setores do Ver-o-Peso possuem o Condomínio para sua organização cotidiana, o Mercado de Peixe possui uma Comissão que já existe há 16 anos, formada por oito peixeiros que se dividem em grupos de dois, sendo que cada dupla é responsável por cada corredor onde se encontram os boxes de comercialização do pescado. É, portanto, essa Comissão a responsável pela manutenção do Mercado como limpeza e segurança e pela realização de eventos, como é o caso das homenagens (queima de fogos e a Festa do Mercado) realizadas no dia do Círio, tema deste trabalho.

É quase que uma regra entre os feirantes do Ver-o-Peso, as atividades comerciais serem passadas de geração para geração. No caso daqueles que trabalham com o pescado no Ver-o-Peso começam a fazer parte da rede de atividades que acontecem na comercialização desse produto.

De modo geral o trabalho de comercialização do pescado começa por volta das três horas da manhã quando as geleiras (os barcos) atracam na “Pedra” do Ver-o-Peso, que é quando iniciam as atividades de diversas categorias que trabalham com o pescado na “Pedra” e no Mercado de Peixe sendo possível uma percepção da rede de comercialização em que elas estão envolvidas.

Os *geleiros* são os donos ou encarregados das embarcações que trazem o pescado até o Ver-o-Peso. Essas embarcações vêm de vários lugares do Estado do Pará, não apenas de Belém, mas de outras cidades como Abaetetuba, Vigia e Soure. Há também embarcações vindas de Manaus (AM). A tripulação desses barcos registra, além do encarregado, os demais

² Além das inúmeras lojas localizadas nas ruas do entorno

pescadores, que podem ser especialistas como o *gelador* – pescador que tem a técnica de acondicionar o pescado nas urnas para garantir sua boa conservação e qualidade até a chegada da viagem – tira o peixe da urna e joga para o convés da embarcação onde outros pescadores vão enchendo as basquetas³ que são transportadas através de uma tábua usada como rampa para o escoamento do pescado desde o barco até a “Pedra” onde se segue a comercialização.

O balanceiro é quem contrata o virador, responsável por buscar a balança no Mercado de Peixe, onde fica guardada, e por montá-la posicionando-a em frente à embarcação da qual sairá o peixe. É ele quem pesa a produção para o dono da embarcação, algumas vezes indica compradores, tendo como lucro por este serviço de quatro a seis por cento do total da venda. Não raras são as vezes em que ele recebe o dinheiro adiantado para comprar o pescado de alguém a quem ele se compromete entregar a aquisição, intensificando suas relações para além da econômica, ou seja, consolidando uma relação de compromisso, credibilidade e amizade.

Também pode ser considerado como um financiador do pescador, pois geralmente é a ele que o pescador - que pode ser ou não o dono da embarcação - pede ajuda financeira, materiais de pesca ou ainda assistência para a família quando na ausência do pescador durante a viagem, como por exemplo, levar um dos familiares do pescador ao hospital.

Um outro ator social nesse processo de comercialização do pescado é o carregador. É ele quem corre com uma caixa de pescado na cabeça e aos gritos pede passagem na direção do Mercado de Peixe, dos caminhões frigoríficos ou de outros veículos menores.

E, finalmente, os peixeiros que trabalham dentro do Mercado de Peixe, primeiro comercializam o pescado com os balanceiros, ainda na Pedra, que faz o papel de intermediário entre o peixeiro e o dono do barco. Após essa etapa a comercialização é com os seus clientes dentro do Mercado durante toda a manhã, tendo sua jornada de trabalho encerrada no horário em que o Mercado fecha, aproximadamente às 14 horas.

Essa rede de comercialização é tão organizada e fortemente estruturada, pelas suas relações de amizade e companheirismo, que ela permite que sejam realizadas através dela outras atividades que não são necessariamente comerciais, como é o caso das homenagens realizadas à Nossa Senhora de Nazaré durante as festividades do Círio em Belém, que são de inteira responsabilidade dessas categorias.

II - O CÍRIO DE NAZARÉ NO VER-O-PESO

³ Basquetas ou vasquetas são as caixas de plástico utilizadas para a retirada do pescado do barco até a balança.

Assim como o Ver-o-Peso, o Círio de Nazaré é um forte símbolo da cultura paraense. Segundo a tradição, foi nos anos de 1700 que um caboclo agricultor e caçador chamado Plácido José dos Santos, encontrou às margens do igarapé Murutucu (hoje localizado atrás da Basílica de Nazaré) a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, que se tornou a padroeira do povo paraense, dando início a uma das maiores devoções religiosas no Brasil.

A preparação para o Círio acontece de inúmeras formas seja em grandes proporções, como ruas da cidade decoradas com arcos com motivos da Santa, ou em menores proporções, como em residências e estabelecimentos comerciais com seus cartazes da Santa, altares ornamentados com flores e fitas e, muitas das vezes com uma imagem da Santa.

Dentre os preparativos acontece também a procura, principalmente no Ver-o-Peso, dos produtos necessários para fazer as iguarias do almoço do Círio (a folha e a líquido extraído da raiz da mandioca conhecidos por maniva e tucupí, respectivamente, e o pato). De acordo com Alves (1980) durante este almoço a família se reúne, em alguns casos, os amigos mais íntimos também se fazem presente, trata-se de um momento dividido entre um clima de festa com atitudes descontraídas, e outro de ações formais em respeito aos pais e as pessoas mais velhas que ali se encontram, assim reforçam os laços de amizade e respeito.

Mas a ligação do Ver-o-Peso com o Círio não é apenas culinária. De acordo, com a tradição, foi na área do Ver-o-Peso que surgiu o segundo maior símbolo dessa procissão a corda - o primeiro obviamente é a própria Santa. Conforme um dossiê sobre o Círio, nos primeiros anos da realização da Festividade de Nazaré,

a imagem da Santa era conduzida no colo do bispo, sendo mais tarde introduzida a berlinda, no interior da qual ficava a imagem, que era transportada num carro puxado por juntas de bois. Em certos anos quando o Círio percorria a área do Ver-o-Peso, havia dificuldade para o carro passar por causa da água que transbordava da baía, inundando e enlameando a rua, que não possuía calçamento. Por isto surgiu a idéia, em 1885, de passar uma grande corda em volta da berlinda, para que o povo pudesse ajudar a puxá-la, a fim de que o carro transpusesse melhor o atoleiro (CIRIO DE NAZARÉ, 2006)

Muito provavelmente, a corda utilizada deve ter vindo das embarcações ancoradas no cais ao lado do Mercado de Ferro. O surgimento da corda na área do Ver-o-Peso foi somente

o início da tradição da ligação com a festa do Círio de Nazaré, pois peixeiros, geleiros e balanceiros mantêm sua devoção e honras particulares à Santa.

O Ver-o-Peso, como um símbolo da cultura popular paraense tem uma importante participação através das homenagens realizadas em honra a Nossa Senhora de Nazaré o que acabou por se tornar tradição nesse lugar, durante as duas principais procissões do Círio, a Trasladação e a procissão do Círio realizadas no 2º final de semana do mês de outubro, em Belém,

É importante ressaltar que o Mercado de Ferro sempre esteve em destaque em várias manifestações religiosas realizadas no Ver-o-Peso, como por exemplo, “foi palco para as festas para o caboclo Zé Raimundo (entidade dos terreiros de Mina Nagô) e para festa de São Benedito da Praia” (CAMPELO, 2002) e a pouco mais de trinta anos é palco das homenagens com fogos de artifício pelas categorias que trabalham com o pescado, que também são responsáveis pela festa realizada dentro do próprio Mercado, no dia da procissão maior do Círio, em honra daquela que é a padroeira do Mercado de Ferro “e, de acordo com o previsto por Decreto Estadual nº. 4731, de 1971, é considerada chefe de Estado no Pará” (LEITÃO, CORRÊA, NASCIMENTO, 2007) dando a ela o mérito de receber honrarias militares concedidas aos governantes assim como o direito de passar revista diante das tropas,

As homenagens realizadas no Ver-o-Peso, iniciaram com uma festa criada a partir de uma promessa feita por um balanceiro, em meados da década de 1970, eles e mais dois colegas ajudavam este balanceiro a promover bingos, passar um livro de ouro entre os geleiros, e cobrar a quantia de cem cruzeiros de cada peixeiro, para realização da festa. Era a forma pela qual eles conseguiam dinheiro para custear as despesas da festa, já que a ajuda oficial do governo estadual eles nunca conseguiram.

Depois vieram os fogos, que são queimados na passagem da Santa durante a procissão no domingo do Círio. Não se sabe exatamente o ano em que aconteceu esta inclusão, mas segundo uma entrevista concedida pelo próprio balanceiro que foi quem criou a festa, a um jornal do ano de 1983, a inclusão aconteceu após ele assistir o foguetório dos estivadores. A expectativa na época desta entrevista era de no ano seguinte (1984) incluir a queima de fogos também na Trasladação (A Província do Pará, 1983).

Atualmente as homenagens do Ver-o-Peso são organizadas por uma Comissão de peixeiros do Mercado de Peixe e por um balanceiro quem representa tanto os balanceiros quanto os geleiros que trabalham na “Pedra”. Os preparativos iniciam meses antes com a arrecadação de dinheiro.

Uma parte do dinheiro vem do aluguel que os peixeiros cobram dos balanceiros pelo espaço reservado dentro do Mercado de Peixe para guardar as balanças o que facilita muito na hora de levar as balanças para a “Pedra” para a pesagem do pescado que chega nos barcos. A segunda parte é proveniente da arrecadação monetária feita na “Pedra” por um balanceiro, onde balanceiros e geleiros pagam diariamente quantia não estipulada, é interessante destacar que esse dinheiro é arrecado por um balanceiro, porém fica sob a guarda de um peixeiro de dentro do Mercado de Peixe, vale ressaltar também que é a maior parcela de dinheiro arrecadada. A terceira parte é um terço do dinheiro que a Comissão dos Peixeiros cobra dos peixeiros para a limpeza e segurança do Mercado.

Todo esse dinheiro arrecadado ao longo do ano é utilizado tanto na compra de fogos, como também na realização da festa que envolve a compra de bebidas, de comidas, enfeites, balões e na confecção de camisas que levam a especificação da Comissão dos peixeiros e a dos balanceiros e geleiros.

Os trabalhos são intensificados no final do mês de setembro e início de outubro. Faltando poucos dias para realização do Círio a Comissão dos Peixeiros manda preparar suas camisas tendo o cuidado de escolher a cor que melhor combine com as cores do cartaz oficial da Santa lançado no ano.

No sábado pela manhã que antecede a procissão principal, os fogos são trazidos de um município vizinho – Abaetetuba – por uma empresa contratada a mais ou menos dez anos. Os fogos são preparados pelo “foguista”⁴ e seus ajudantes dentro do Mercado, e depois levados para uma balsa, de aproximadamente 120 metros, ancorada no cais do Ver-o-Peso bem ao lado do Mercado de Peixe para serem queimados à noite em um show pirotécnico, com duração de dez minutos, quando a berlinda levando a imagem da Santa passa pelo Mercado durante a procissão da Trasladação em direção à Catedral da Sé.

No final da manhã do sábado, que antecede a procissão principal do Círio, após a comercialização dos pescados, o Mercado de Ferro começa a ser preparado, para a realização da festa, pela equipe da Comissão dos peixeiros com a ajuda dos funcionários da limpeza diária e mais dois ou três peixeiros. O Mercado é fechado e recebe uma limpeza especial, os boxes onde diariamente são expostos os peixes para venda recebem uma lavagem completa e com mais atenção - situação que não acontece na limpeza diária realizada no mercado – não os boxes, e os corredores são limpos, as balanças pertencentes aos balanceiros não são esquecidas na hora da limpeza. Enquanto acontece a limpeza interna, a Prefeitura se encarrega da lavagem externa das ruas da área do Ver-o-Peso. Após a lavagem o Mercado é enfeitado com balões e fitas, pelos próprios peixeiros, os barcos ancorados no cais do Ver-o-Peso

⁴ Nome dado pelos peixeiros ao responsável pela produção e arrumação dos fogos de artifício.

também são enfeitados com bandeirinhas por seus donos. É desta forma que o Ver-o-Peso é preparado para as homenagens à Virgem de Nazaré.

III - A QUEIMA DE FOGOS

A procissão da Trasladação inicia por volta das 18 horas com saída do Colégio Gentil, na Avenida Nazaré. Enquanto isso o Mercado de Peixe continua sendo decorado com fitas coloridas, a balsa com os fogos já se encontra preparada. A imagem da Santa, devidamente ornamentada pela proprietária de uma Casa Comercial vizinha ao Ver-o-Peso, que durante o ano se encontra dentro do Mercado de Peixe, é posicionada na entrada principal do Mercado tendo a sua volta seus *guardiões*, peixeiros que ficam como guardas posicionados ao lado da imagem da Santa e que ficam se reservando neste trabalho, para que não aconteçam problemas do tipo alguém mal intencionado fazer algo que prejudique imagem.

Por volta das 20 horas alguns daqueles que se responsabilizaram pela limpeza e arrumação do Mercado retornam de suas casas, acompanhado de um algum parente ou mesmo sozinhos, para apreciar a queima de fogos, outros devido ao cansaço preferem retornar apenas no domingo bem cedo, antes do início da procissão.

Algumas famílias começam a chegar e a se instalar em frente ao Mercado já todo enfeitado e devidamente preparado com seus balões e fitas coloridas. Umas são famílias de peixeiros, balanceiros e geleiros, outras mesmo não possuindo relações com esses trabalhadores estão ali porque consideram um bom lugar para ver a passagem da Trasladação. A espera pela passagem cria expectativa nas pessoas que ali se encontram.

É chegada a hora da homenagem da noite, a Santa passa pelo Mercado por volta das 23 horas ou um pouco mais⁵. E durante a sua passagem em direção a Catedral da Sé os fogos de vista⁶ enfeitam o céu por cerca de dez minutos em honra a Nossa Senhora de Nazaré que vai passando. É como se os fogos levassem os pedidos e agradecimentos do povo à Santa.

Esta manifestação pode ainda ser interpretada como verdadeiro *Potlach* (MAUSS,1974), uma vez que em outro ponto do percurso da procissão, estivadores e arrumadores do porto também prestam homenagens à Santa, com queima de fogos. Estas categorias (a dos trabalhadores do Ver-o-Peso e a dos que trabalham no porto), posicionadas entre as menos prestigiadas no quadro geral das profissões, rivalizam em beleza e em tempo

⁵ O horário que a Santa passa varia nunca é o mesmo do ano antecedente.

⁶ Nome dado aos fogos que produzem um efeito colorido no céu e que por isso são queimados à noite.

de duração da queima de fogos. Marcando assim certo status destas categorias na sociedade, pelo menos durante o Círio.

Ainda na madrugada de domingo mais fogos são preparados e levados para balsa, agora para serem queimados pela manhã quando novamente em procissão a Santa passará em frente ao Mercado de Peixe, em seu retorno para a área da Basílica de onde ela saiu na noite anterior.

IV - A FESTA NO MERCADO

No dia da Procissão maior do Círio, domingo pela manhã, a Diretoria da Festa de Nazaré limita o acesso na área do Ver-o-Peso, por isso uma semana antes ela em reunião com os feirantes distribui o crachá de acesso ao Ver-o-Peso, ao qual tivemos acesso.

Após a passagem da Santa, a atenção da Comissão dos peixeiros, dos balanceiros e a dos geleiros se volta para dentro do Mercado de Peixe para dar início à Festa de confraternização.

Das quatro portas existentes no Mercado de Peixe três permanecem devidamente fechadas com correntes e cadeados, a entrada passa ser feita apenas por uma porta controlada por peixeiros que se colocam como porteiros permitindo o acesso apenas das pessoas que receberam convites para participar da Festa. Para eles trata-se de uma forma de garantir a segurança daqueles que se encontram dentro do Mercado, ou seja, deles próprios de suas famílias e de seus amigos.

Já dentro do Mercado as pessoas aguardam pela distribuição dos tickets, com os quais elas podem adquirir comida e bebida, enquanto aguardam os convidados escutam mensagens e histórias religiosas. Pouco mais de meia hora após a passagem da Santa, o Dj, responsável por dar o ritmo da festa, troca as histórias religiosas por músicas bem dançantes como o tecno-brega, ou ainda pelo próprio brega que é um ritmo bem popular nas festas de clubes ou mesmo nas realizadas no seio familiar.

Após a entrega dos tickets a festa realmente começa, as pessoas são conduzidas a dois pontos de entrega de comidas e bebidas. Peixeiros para um lado, balanceiros e geleiros para outro. A divisão acontece porque as comidas e bebidas são preparadas ou compradas de forma separada, ou seja, fica a critério de cada categoria a escolha do que será servido para os seus pares. Os peixeiros costumam servir salgadinhos. Já os balanceiros e geleiros além de salgadinhos servem comidas típicas como maniçoba, vatapá.

O movimento dentro do Mercado agora passa a ser outro, diferente ao do seu dia-a-dia, os boxes onde são comercializados os pescados, agora servem de “camarotes” para

peixeiros, balanceiros e geleiros, onde juntamente com seus familiares e amigos pessoas de todas as idades, desde crianças de colo até pessoas idosas convidados para festa, passam as horas da festa desfrutam de muita bebida, comida e música em meio às conversas, caracterizando uma verdadeira confraternização.

O clima de festa não se dá apenas pela abundância de comida e bebida, existem as típicas cenas de uma festa: crianças correndo, a música em volume muito elevado, casais dançando, familiares e amigos comentando sobre o Círio, sobre as homenagens com os fogos, ou mesmo sobre o que geralmente as pessoas se propõem a conversar que são os fatos de sua rotina, tudo isso juntos dão o clima de festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mercado e o Círio são fortes símbolos para o povo paraense e que possuem representações e significados que merecem um estudo aprofundado, pois por mais amplas que possam ser as interpretações elaboradas para cada um deles, eles se encontram em determinados momentos históricos e tradicionais da sociedade paraense.

Como percebido o Mercado de Ferro não é simplesmente um local essencialmente comercial, as relações entre as pessoas estão para além das relações de comércio, existem estreitos laços de amizade e companheirismo, ou seja, relações de sociabilidades que merecem estudos mais bem elaborados e aprofundados.

Através desse trabalho de aproximação foi interessante percebermos como categorias – a dos peixeiros, balanceiros, e geleiros – que geralmente são consideradas inferiores perante tantas outras categorias profissionais conseguem se articular para manter por tanto tempo uma tradição sem a ajuda de grandes parceiros financeiros, cabendo apenas a elas próprias a organização e o financiamento para que as homenagens sejam realizadas.

Como visto, a rede bem estruturada que essas categorias desenvolvem nas relações de trabalho existente entre elas, também permite que elas organizem eventos, como é o caso das homenagens com os fogos, e a Festa dentro do Mercado de Peixe não é simplesmente organizar um evento, mas organizar um evento que possui forte tradicionalismo e o sentimento de fé para essas categorias.

A homenagem com a queima de fogos não significa simplesmente, um show pirotécnico, é como se durante a queima, os fogos fossem o meio pelo qual, pedidos e agradecimentos são levados à Santa. Mas é também a forma pela qual diante de toda a sociedade aquelas categorias conseguem ter o seu papel de destaque no mais tradicional e importante evento popular e religioso de Belém.

A Festa merece um destaque nas considerações finais, acreditamos que ainda devam existir outras dimensões envolvidas na Festa, não só aquelas que foram descritas nesse trabalho. A partir das informações conseguidas através dos atores sociais do Ver-o-Peso: peixeiros, balanceiros e geleiros, e de observação direta no Ver-o-Peso alguns caminhos foram abertos, mas que nesse trabalho de aproximação não foram aprofundados, mas que podem ser continuados em um trabalho futuro. Ou mesmo ainda poderão ser abertos outros caminhos, pois um aprofundamento da pesquisa poderá trazer novas inquietações que não foram mencionadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. O Carnaval Devoto: um Estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém. Petrópolis: Vozes. 1980.
- CAMPELO, Marilu. Feira do Ver-o-Peso: Cartão Postal da Amazônia ou Patrimônio da Humanidade? Humanitas, Belém, v.18.n. 2. 2002. p. 149-170.
- Círio de Nazaré. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. (Dossiê IPHAN;1).
- Está tudo pronto para a grande homenagem à Virgem de Nazaré. A Província do Pará. Belém, 09 out. 1983. 1º Caderno. p.15.
- JOSEPH, I. Erving Goffman e a microsociologia. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2000.
- LEITÃO, W.M., CORRÊA, M.C. & NASCIMENTO, L.T.A. O Mercado de Peixe no Ver-o-Peso. In: Integração Sul-Americana, Fronteiras e Desenvolvimento Urbano e Regional. Belém: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. 2007. (CD)
- MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. Forma e Razão de Troca nas Sociedades Arcaicas [1926]. Sociologia e Antropologia. v.2.São Paulo: EDUSP.1974.
- MENEZES, B. de. São Benedito da Praia (folclore do ver-o-peso). 1959. In: Obras Completas. Belém: Secretária de Estado da Cultura, 1993.

Miniaurélío. 6ª Edição Revista e Atualizada. Editora Positivo.

MORAES, C. Mercados Populares do Brasil. Popular Markets of Brazil. Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira. DBA. 1993.

PANTOJA, Vanda. Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.